

UM ESTUDO DOS ASPECTOS ENUNCIATIVOS NOS EDITORIAS DA REVISTA SUPERINTERESSANTE*

Sabrina Gabriela Vicentini**

RESUMO: Este trabalho propõe-se a analisar os editoriais comemorativos da revista *Superinteressante* sob o viés dos estudos da Linguística Enunciativa, principalmente no que tange aos estudos sobre a subjetividade apresentada pelos dêiticos nas suas categorias discursivas de pessoa, espaço e tempo dentro do fenômeno da enunciação. Para isso, é traçado um breve panorama dos estudos de Benveniste (1988, 1989) e outros autores que abordam a temática. Nos editoriais analisados, buscou-se identificar as principais estratégias de comunicação adotadas, além de perceber o modo como estão sendo construídas as informações das marcas de subjetividade nos textos. Como resultado, pôde-se perceber que os editoriais apresentam, até os dez primeiros anos, uma tentativa de demonstrar uma coletividade responsável pela revista e no último texto, de vinte anos, o que passa a existir é uma individualidade.

Palavras-chave: editoriais, Superinteressante, Linguística Enunciativa, dêiticos.

Abstract: This paper intends to analyze the Superinteressante magazine's celebrate editorials, from an enunciative point of view, especially to deal with subjectivity studies showed by deixis in its discursive category of person, place and time in the enunciation phenomenon. To do that, we make a short reflection about Benvenist's works (1988, 1989) and others authors that study this subject. In editorials analyzed, we identify the main communication strategies used, besides we observe the way the information about subjectivity are being built in texts. As result, we notice that editorials present, until the ten first years, an attempt at showing a collectivity responsible to magazine and in the last text that is twenty years, what exist is an individual characteristic.

Keywords: editorial, Superinteressante, Enunciative Linguistic, deixis.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo desenvolver uma pesquisa dentro dos estudos da linguística enunciativa, principalmente, no que tange aos estudos da subjetividade apresentada a partir dos dêiticos, que sinalizam categorias discursivas de pessoa, espaço e tempo dentro do fenômeno da enunciação (cf. BENVENISTE, 1988, 1989; CERVONI, 1989; COURASOBRINHO, 2005; FIORIN, 1996).

* Um primeiro esboço deste trabalho foi desenvolvido na disciplina "Teorias do Discurso", Programa de Mestrado em Letras da UFSJ, ministrada pela professora Dra. Dylia Lysardo-Dias, a quem agradeço pelas primeiras observações sobre o trabalho.

** Mestranda em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei e bolsista CAPES/DS.

VICENTINI, S. G. – PROMEL/UFSJ, São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil. sabrinagvicentini@hotmail.com

A partir de todo esse aparato, averiguam-se os aspectos enunciativos de alguns editoriais da revista *Superinteressante*, visando investigar, com o subsídio do estudo da dêixis, o modo como estão sendo construídas as informações das marcas de subjetividade nos textos, identificando as principais estratégias de comunicação adotadas.

Os resultados apresentados aqui buscam incitar reflexões e discussões sobre questões relacionadas à subjetividade nos processos enunciativos e sobre a atuação desse fenômeno nos editoriais como forma de destacar o editor e suas ideias sobre o veículo.

Tal artigo se apresenta em quatro seções. Na primeira, apresentam-se os pressupostos teóricos que orientaram nosso estudo. Na segunda é exposta a metodologia empregada para o desenvolvimento do mesmo. Segue-se a análise dos dados obtidos através de um estudo do *corpus*, e por fim, encontram-se as conclusões que puderam ser tiradas com o trabalho.

Revisão de Literatura

A Linguística foi colocada como ciência a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, os quais definem a “língua” como o objeto. Saussure faz a distinção entre “língua/fala” (*langue/parole*), entendendo a “língua” como um *sistema* e a “fala” como um *uso social que se faz*.

Já a Linguística da enunciação procura fazer um estudo do funcionamento e uso da linguagem, isto é, seria um estudo das questões do âmbito da “fala”. Os estudos enunciativos representam uma crítica à “linguística da língua”, desenvolvida por Saussure, e buscam realizar uma análise da produção dos enunciados, voltando-se para os diferentes usos da linguagem, além de pensar o sujeito dentro do contexto social e histórico em que está inserido.

Diante desse variado campo de estudo, a presente pesquisa elenca a dimensão discursiva da dêixis como foco de análise. A categoria da dêixis é examinada a partir da teoria de Benveniste como fundamento da representação da subjetividade na linguagem.

Benveniste (1988), no capítulo “Da subjetividade da linguagem”, afirma que a subjetividade ocorre quando “o locutor propõe-se como sujeito”, deixando suas marcas no enunciado. A subjetividade é constitutiva da linguagem. É a partir da relação do locutor com a língua que se determinam os caracteres linguísticos da enunciação.

Deste modo, no capítulo “Aparelho formal da enunciação”, Benveniste (1989) vai distinguir as marcas de subjetividade dos locutores. Para ele, o aparelho formal da enunciação

é o conjunto dessas formas que indicam as marcas de subjetividade, que são colocadas no funcionamento da língua, sendo representadas pelos dêiticos.

Como toda enunciação implanta o outro, ela sempre postula um alocutário (*tu*), independente do grau de presença que se atribua a este outro. E ao observar a presença do locutor na enunciação, isso faz com que “cada instância de discurso constitua um centro de referência interno.” (BENVENISTE, 1989, p. 84) É nessa situação que se manifesta um “jogo de formas específicas” (dêiticos), os quais teriam a função de colocar o locutor em relação constante com sua enunciação.

Assim, a noção de dêiticos remete às marcas específicas que indicam traços dos processos enunciativos, são signos vazios que só são recuperados na enunciação. O primeiro processo dessa categoria, identificado por Benveniste (1989), é a “emergência dos índices de pessoa” (a relação *EU-TU*). O “eu” se refere a quem está se apropriando da linguagem, só se determinando na enunciação.

Para Benveniste (1988), o *eu* não denomina nenhuma entidade lexical:

eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e *lhe* designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. (p. 288)

De tal modo, Benveniste (1988) ainda argumenta que os pronomes pessoais se distinguem dos demais, pois não remetem nem a um conceito, nem a um indivíduo. E “a categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso” (FIORIN, 1996, p. 41). Entretanto, é importante ressaltar que Benveniste considera o “ele” como a “não-pessoa”, porque se refere a um objeto fora da alocução. A terceira pessoa é a forma que não se refere a si mesma. “A forma *ele*... tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por ‘eu’”. (BENVENISTE, 1988, p. 292). Para Cervoni (1989), a denominação de terceira pessoa é um “deslocutado”, é a pessoa apenas da qual se falou, apresentando um papel passivo no ato da linguagem. E as três pessoas (*eu*, *tu* e *ele*) têm em comum a apresentação de um objeto de fala.

Já Fiorin (1996) observa que o *eu* e o *tu*, em cada instância de comunicação, são em cada vez únicos, enquanto o *ele* pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum.

Dessa forma, segundo Benveniste (1988),

Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem. Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo *status*. São os indicadores da *dêixis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomando como ponto de referência: “isto, aqui, agora” e as suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã”, etc. Têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do *eu* que ia se enuncia. (p. 288)

Com isso, a segunda categoria, da mesma natureza, identificada por Benveniste (1989) é os “índices de ostentação” que aludem a um gesto indicando o objeto. Esses remetem às referências espaciais, que nada mais são do que uma projeção do espaço, do local da enunciação. São exemplos de “espaço”, pronomes demonstrativos (este (a), esse (a), etc.), advérbios (aqui, lá, etc.), locuções adverbiais (à esquerda, em frente, etc.). A próxima série de termos que diz respeito à enunciação é constituída pelas “formas temporais”. As categorias temporais são marcas do “tempo” no ato de fala, que se determinam com relação ao “eu”, centro da comunicação. A *dêixis* temporal também pode ser representada pelo sistema verbal da língua.

Para Cervoni (1989), a temporalidade expressa pelo verbo tem como ponto de referência o momento da enunciação. O presente é o tempo concomitante com a enunciação, porém, os dêiticos temporais não se limitam às formas do presente da enunciação. Mas também compreendem as marcas de passado e futuro em relação a esse presente.

Além disso, é importante ressaltar que o verbo também pode apresentar a categoria de pessoa, já que suas formas de conjugação podem se distinguir em três pessoas no singular, e no plural, em língua portuguesa¹. Logo, são exemplos de “tempo” no enunciado, advérbios (agora, hoje, ontem, etc.), locuções adverbiais (último mês, depois de amanhã, etc.) e alguns tempos verbais.

Deste modo, percebe-se que os dêiticos são elementos linguísticos que indicam os participantes de uma situação de produção do enunciado, ou indicam, ainda, o lugar e/ou o tempo em que o enunciado foi produzido. Os dêiticos não têm conteúdo semântico, mas são formas que se constituem como realidade do discurso.

Fiorin (1996) ressalta que é preciso levar em consideração que cada manifestação da *língua (langue)* coloca em jogo um enunciador e um enunciatário com seus pontos de vista ocorridos num espaço e num tempo determinados.

¹ Neste caso, novamente, precisa-se destacar que a terceira pessoa é a forma não pessoal da flexão verbal, porque ocorre quando a pessoa não é designada e em casos de expressões impessoais.

Metodologia e Corpus

A construção do *corpus* da pesquisa foi feita de forma qualitativa. Foram selecionados três textos de editoriais, extraídos da revista Superinteressante, começando pelo primeiro editorial que a revista lançou e seguindo as edições comemorativas de cada década de aniversário desse meio comunicativo, ou seja, os editoriais de aniversário de dez e vinte anos do veículo. Assim, os três textos selecionados podem ser considerados como um marco na história do próprio veículo, por representarem datas memorativas do mesmo.

No tratamento do *corpus*, levam-se em conta as categorias de pessoa, espaço e tempo, propostas por Benveniste (1988, 1989), para a análise das marcas de subjetividade nos textos. Por outro lado, também se procura encaixar uma leitura crítica de questões discursivas e situacionais para a observação dos textos².

Os textos que compõem o *corpus* são organizados a partir da ordem de publicação dos mesmos e são denominados de Ed. 1, 2 e 3. Todos se encontram em anexo a esse artigo.

Análise dos dados

A revista Superinteressante, da editora Abril, está em vigor no mercado editorial brasileiro desde setembro de 1987, tendo completado 25 anos de história. Essa é uma revista mensal, disponível em todos os estados brasileiros, que busca desde seu projeto inicial proporcionar aos leitores informações de fatos interessantes e curiosos, pertencente a qualquer área do conhecimento. Deste modo, a revista aborda assuntos muito diversificados como ciência, cultura, saúde, história e outros. Segundo informações da Editora, Superinteressante possui, atualmente, tiragem de mais de 440 mil exemplares, o que faz dela uma importante mídia a ser contemplada em estudos desenvolvidos em diversas áreas.

A seguir será feita uma análise de três textos dessa revista, especificamente os editoriais, intitulados “Carta ao leitor”, publicados em períodos diferentes, mas que versam entre si por serem sobre edições comemorativas do veículo. Essa análise tentará buscar indicações das categorias de pessoa, espaço e tempo para demarcar questões de subjetividade na linguagem.

² É necessário ressaltar que o icônico das páginas não será analisado neste trabalho, mas não desprezamos sua importância.

1. Ed. 1 – Carta ao leitor, out. 1987, p. 5.

Sejam os enunciados:

- (a) *Numa tarde qualquer de junho de 1860, consternada ao ouvir dizer que pelas novas teorias postas a circular por Charles Darwin o homem era um simples descendente do macaco, a mulher do bispo anglicano de Worcester, Inglaterra, exclamou:* (linhas 01-04)
- (b) *“Barbaridade! Esperamos que não seja verdade mas, se for rezemos para que isso não se torne amplamente conhecido”.* (linhas 05-06)
- (c) *Nós, da Editora Abril, não partilhamos dessa opinião.* (linha 07)
- (d) *Por acreditarmos tanto no valor da descoberta e da acumulação do conhecimento científico e tecnológico quanto na importância de sua divulgação ao maior número de pessoas, estamos apresentando ao público brasileiro uma nova revista mensal.* (linhas 07-11)

Através do enunciado (a), percebe-se que o locutor se mostra como uma pessoa informada e conhecedora dos fatos históricos e de progressos científicos, pois, ele vai buscar um acontecimento marcante do passado para, então, defender a ampliação do conhecimento, já que no enunciado (c), ele contesta a opinião expressa em (b). Ainda assim, é importante destacar, que o locutor busca manter um distanciamento desse enunciado (b), utilizando-se do uso das aspas, demarcando a diferenciação da voz do outro³. O enunciado (d) também confirma a posição contrária do locutor. Dessa forma, o locutor se posiciona contrário ao fato de não se anunciar uma informação e vai construindo uma reflexão para ressaltar a importância da divulgação do conhecimento, ressaltando que esse é o tema proposto pela nova revista. Isso ajuda a construir uma imagem do lugar discursivo do locutor, na medida em que se mostra favorável à difusão do conhecimento e como uma pessoa informada.

Além disso, os enunciados (c) e (d) permitem identificar um locutor que se assume na “coletividade”, *nós*, remetendo a um *eu* que se associa ao grupo da Editora Abril, expresso em (c).

Flores *et. al.* (2008), no capítulo “Uma lingüística da enunciação”, explica que, como Benveniste considera o enunciado como um ato individual de tomada da palavra, não se pode considerar o *nós* como o somatório de vários “eu”, mas sim, o *nós* é uma indicação que se

³ A autora, Jaqueline Authier-Revuz, faz um estudo minucioso sobre o uso das aspas, considerando-as como uma heterogeneidade mostrada no texto. Para mais detalhes ver: AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: *Entre a transparência e a opacidade – um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 11-79.

trata de *eu* e de *não-eu*. “Não há plural porque não há junções de iguais, mas de diferentes” (FLORES *et. al.*, 2008, p. 55).

Assim, observa-se que o locutor (o *eu* que fala – *editor-chefe*) se dilata incluindo um “*não-eu*”, *Editora Abril*, que não deixa de ser um processo para indicar relevância de *eu*. O uso do *nós* tem indicação de subjetividade para marcar uma relação com “*eu*”. (cf. FLORES *et. al.*, 2008, p. 55-56)

Deste modo, as pessoas gramaticais dos verbos referentes ao locutor, reafirmam esse posicionamento de “*eu*” e “*não-eu*”, ao longo de todo o texto: *partilhamos, acreditamos, estamos, enfrentamos, damos, descendemos, tenhamos* etc. O que também pode ser visto, como um posicionamento de defesa, já que estão apresentando um novo veículo de comunicação e a coletividade possibilita mais segurança e veemência ao veículo.

Como todo enunciado pressupõe a relação *eu – tu*, no caso deste editorial, o alocutário (*tu*) é demarcado já no título, *Carta ao leitor*, especificado como o “leitor” da revista. E assim, pensando em “carta” enquanto gênero textual, observa-se a constituição de uma mensagem escrita, fechada e assinada, expressando opiniões do seu remetente para uma ou várias pessoas destinatárias, neste caso, o(s) leitor(es) da nova revista. Nota-se, em Ed 1, que há pouca atribuição ao grau de presença do alocutário (*tu*), mesmo este sendo de fundamental importância.

Os enunciados (e) e (f), abaixo, ainda apresentam passagens em que há uma referência explícita ao(s) leitor(es) no texto, mas com fins de propagar os benefícios da revista aos mesmos:

- (e) *Não por acaso ela se chama SUPERINTERESSANTE, pois oferecerá aos leitores uma visão ampla do que fez, do que se faz e – por que não? – do que se fará em termos de pesquisa e realização científica e tecnológica* (linhas 15-19)
- (f) *De forma clara, direta, acessível ao mais leigo dos leitores, SUPERINTERESSANTE mostrará o conhecimento científico não como um tesouro a que só alguns privilegiados têm acesso, por sua cultura, mas como algo que passa pelo cotidiano de **todos nós**, influenciando e modificando até mesmo os momentos mais simples de **nossa vida**.* (linhas 22-27) (grifos meu)

No enunciado (f) acima, ainda existe uma tentativa de aproximação do locutor com um *tu* instituído na sentença, o locutor se associa em *todos nós* e se assemelha em *nossa vida*, remetendo a um universo discursivo partilhado tanto pelo locutor quanto pelo alocutário, que

seria a ideia de difusão do conhecimento. O pronome *nossa* também remete ao destinatário, o(s) leitor(es) da referida revista.

Assim, retomando o enunciado (a), ainda se observa nele a instauração da 3ª pessoa no enunciado, *a mulher do bispo anglicano de Worcester*, que é uma informação *não-identificável* pelo alocutário⁴. Coura-Sobrinho (2005) apresenta um estudo de Perret (1994)⁵, no qual se observa que o locutor tem duas maneiras de introduzir o objeto em seu discurso: de modo *identificável* e *não-identificável* pelo seu alocutário. Os objetos do mundo são não-identificáveis quando acompanhados por artigos (e/ou formas) indefinidos ou pelos numerais. Já os objetos identificáveis são referidos no interior do universo criado pelo discurso (referência co(n)textual – indicada por objetos indefinidos, e posteriormente por anáforas) ou na remissão à realidade externa (referência situacional – apresentada através de nomes próprios, objetos únicos, conceitos, datas e pela reação com o locutor através dos dêiticos).

Assim, outra instância em que é exposta como 3ª pessoa no texto é a revista, *Superinteressante*, constituindo-se como uma informação *identificável*, podendo perceber o destaque do nome próprio em letras de caixa alta e a construção da informação do meio de comunicação.

Há, ao longo do texto, alguns enunciados em que se observa o emprego do pronome *ele(a)*, que não se remetem só a essa duas referências de 3ª pessoa apresentadas acima. Eles vão retomar sintagmas diferentes recuperáveis dentro do contexto do enunciado, confirmando o posicionamento de Fiorin (1996) que explica que o pronome *ele* pode assumir vários sujeitos ao mesmo tempo e todos são objetos fora da locução.

A construção do “espaço”, em Ed 1, pode ser analisada, no primeiro enunciado (a), na referência espacial objetiva: *Worcester, Inglaterra*. Esse espaço apresenta uma mulher que gostaria que a notícia da ancestralidade do macaco não fosse de conhecimento da humanidade. Dessa forma, a partir do enunciado (c), linha 07, esse espaço é desfeito e retomado já no final do texto,

(g) *Estamos certos de que se fosse nossa contemporânea e leitora de SUPERINTERESSANTE, aquela assustada matrona da Inglaterra vitoriana, mulher do bispo de Worcester, saberia que nós não descendemos do macaco, embora tenhamos com ele um ancestral em comum.* (linhas 32-36)

⁴ Apesar de a mulher ser apresentada como uma informação não-identificável, nota-se que ela possui um posicionamento de poder para expressar sua fala. Ela é simplesmente a mulher **do bispo anglicano de Worcester**.

⁵ PERRET, M. *L'énonciation en grammaire du texte*. Paris: Édition Nathan, 1994.

O locutor retoma o mesmo espaço discursivo expresso em (a), *Ingllaterra*, no tempo *vitoriana*. Ainda se nota que o locutor apresenta um posicionamento de certeza, *Estamos certos*, que esse meio de comunicação tiraria a dúvida exposta em (b), e *aquela assustada matrona* ficaria intensamente *mais tranqüila* (linha 37). Novamente, apresenta uma segurança do locutor.

Nas demais situações do texto, entre as linhas 07 até 32, pode-se pensar na revista enquanto configuração espacial com a capacidade desse novo veículo.

(h) *Sua pauta de assuntos não terá limites, cobrindo, por exemplo, da Física à Pré-História, da Astronomia à Ecologia, da Informática à Psicologia ou à Religião.* (linhas 19-21)

(i) *E sem descuidar da precisão, o que significa dizer que em suas páginas não haverá lugar para as meias-verdades, o saber por ouvir dizer, a hipótese sem evidência que a legitime.* (linhas 27-30) (grifos meu)

Há em Ed 1, uma expressão dêitica espacial cuja interpretação se processa no contexto. Está no enunciado (c), no qual *dessa opinião* retoma a opinião da mulher. Mas, nesse texto não há muitas referências espaciais.

Já sobre a categoria temporal, percebe-se no início do texto uma expressão temporal, *Numa tarde qualquer de junho de 1860*, para se referir ao acontecimento da mulher. Apesar de *Numa tarde qualquer de junho de 1860* não corresponder a um dia específico daquele ano, aponta nitidamente para o passado. E outra expressão que pode ser vista como temporal, já mencionada anteriormente, seria *vitoriana*, que remete a um longo período de reinado da Rainha Vitória na Inglaterra.

Mesmo havendo essas referências ao passado, o centro dêitico de temporalidade de Ed 1 se fixa no agora do locutor, já que a maior parte dos verbos está no presente (*partilhamos, acreditamos*, dentre outros) para se referir à situação enunciativa em que o locutor se encontra no centro. Assim, pode-se pensar que ao longo de Ed 1, o locutor opera os seguintes movimentos no texto:

1º o distanciamento, referente à mulher que era contrária a difusão do conhecimento.

2º a aproximação, remetendo a revista que é idealizada como fonte multidisciplinar do conhecimento.

Prossigamos na análise do segundo texto.

2. Ed. 2 – Carta ao leitor, set. 1997, p. 4.

Nos enunciados:

- (a) *Em meados de 1987, a então repórter Lúcia Helena de Oliveira, de 22 anos, tinha uma dúvida profissional. Ela fazia parte de uma nova revista da Editora Abril, a SUPERINTERESSANTE.* (linhas 01-04)
- (b) *Mas aquela jovem repórter não estava tão animada.* (linha 08)

Percebe-se que o locutor inicia a narração de uma história, na qual ele se omite/disfarça para a propagação da referência de 3ª pessoa, *Lúcia Helena de Oliveira*. O locutor se mostra conhecedor, é íntimo da história em que narra. E todas as formas do uso do pronome de terceira pessoa *ele(a)*, neste texto, são referências a *Lúcia*, recuperadas dentro do contexto da enunciação.

- (c) *Ela fazia parte de uma nova revista da Editora Abril, a SUPERINTERESSANTE.* (linhas 03-04)
- (d) *Hoje, ela é uma das jornalistas mais respeitadas do país nas áreas em que se especializou: Medicina e saúde.* (linhas 18-20)

Neste caso, a referência de 3ª pessoa é sempre *identificável* pelo alocutário, já que é apresentada pelo nome próprio, sublinhado pelo locutor. Ainda se percebe que essa história está sendo construída pelo locutor para ressaltar a evolução da profissional. No enunciado (d), o dêitico temporal *hoje* a estabelece no tempo, o tempo presente da enunciação que não pode ser recuperada, e o advérbio *mais* a intensifica numa posição privilegiada e de poder, *uma das jornalistas mais respeitadas do país*.

- (e) *“**Eu** achava que ciência não era a **minha praia** e que os assuntos seriam sempre aborrecidos”, lembra **ela**.* (linhas 09-10)
- (f) *“**Minha praia** é **aqui** mesmo.”* (linhas 17-18) (grifos meu)

Pelos exemplos expressos acima, observa-se que o locutor destaca a diferenciação da voz do outro pelo uso das aspas. E esses enunciados podem demonstrar um espaço, *aqui*, que é recuperado dentro do contexto como o ambiente da revista, no qual o locutor desses enunciados, *Lúcia*, identifica-se com ele. Essas composições remetem ao que Benveniste

(1989) explica que numa enunciação escrita situam-se dois planos: “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem” (p. 90).

Já na relação *eu – tu* em que todo enunciado estabelece, em Ed 2, novamente o alocutário (*tu*) é demarcado pelo “leitor”. Nesse texto, também prevalece o sentido de carta, demarcado no título e há pouca atribuição de presença ao alocutário. E como relação à Ed 1, a única diferença estabelecida é que Ed 2 não é assinada pelo locutor.

No enunciado abaixo aparece a única passagem em que há uma referência explícita ao(s) leitor(es), mas novamente com fins de propagar os benefícios da leitura da revista para os mesmos:

(g) *Lendo-a, você vai conhecer, com detalhes exclusivos, a técnica brasileira que está revolucionando as cirurgias cardíacas.* (linhas 25-27)

A construção espacial de Ed 2 pode ser pensada na revista como um espaço de informação e como um ambiente de trabalho de inúmeros jornalistas como Lúcia Helena.

(h) *No fundo do coração (veja na página 82), que une ineditismo e clareza.* (linhas 23-24)

(i) *Coração: não poderia haver assunto mais perfeito para a capa desta edição comemorativa, cheia de emoções extraordinárias: são muitas páginas a mais, sem contar o pôster com a história de quatro séculos de ciência.* (linhas 28-32)

(j) *Representados aqui nos dez anos de carreira da Lúcia Helena.* (linhas 33-34)
(grifos meu) (grifos meu)

No enunciado (j) o dêitico espacial, *aqui*, é recuperado dentro do contexto, e conforme o enunciado (f), ele demonstra como espaço o ambiente da revista.

Quanto à categoria temporal de Ed 2, nota-se que o processo de narrativa iniciado em (a) pelo locutor se passa no tempo passado, *Em meados de 1987*. Toda a construção temporal apresentada no texto gira em torno dos 10 anos da revista.

(k) *Muita gente, naquela época, pensava a mesma coisa.* (linha 11)

(l) *Passados dez anos, a editora especial Lúcia Helena de Oliveira amadureceu bastante.* (linhas 12-14)

(m) *Neste mês de setembro, vai ser mãe pela primeira vez.* (linhas 35-36) (grifos meu)

Assim, o locutor busca no passado uma história de superação e destaque, de um personagem que faz parte da equipe da revista, nestes 10 anos, chegando a remetê-la no presente, *Neste mês de setembro*.

É importante ressaltar que em Ed 2, os verbos não apresentam categorias de pessoa, pois estão apresentados, em sua maioria, na forma de terceira pessoa. Flores *et. al.* (2008, p. 59) resalta que “tudo que não pertence a *eu – tu* recebe como predicado a forma verbal de terceira pessoa. A terceira pessoa pode eventualmente ser empregada em expressões de respeito ou de ultraje, segundo o desejo de reverenciar ou de anular alguém”. No caso deste texto, anular o próprio locutor para destacar a referência de 3ª pessoa, *Lúcia*.

Deste modo, o movimento que o locutor opera em Ed 2 é de aproximação com a história da *Lúcia*, destacando-a na equipe da revista e narrando sua história ao longo desses 10 anos do veículo.

Observemos o que o terceiro texto nos oferece.

3. Ed. 3 – [Agora escuta] direto da redação, set. 2007, p. 20.

Atentando-se aos enunciados:

- (a) *Quando fui convidado pelo então Diretor de Redação, Adriano Silva, para trabalhar na SUPER, senti como se tivesse recebido um convite para jogar futebol no time que eu torço (que não posso revelar sob risco de os palmeirenses pararem de comprar a revista).* (linhas 01-06)
- (b) *Eu lia a SUPER desde a edição número 1 e me permiti imaginar que trabalhar aqui era a realização de um sonho de criança.* (linhas 07-10)
- (c) *Que um dia eu estaria escolhendo as capas da revista, que eu assinaria este espaço.* (linhas 14-16)

Observa-se, nos enunciados acima, que o locutor se mostra como uma pessoa feliz por principiar na nova posição que ocupa, é amante de futebol, além de sempre ter sido leitor da revista. Diferentemente dos outros textos, em Ed 3, o locutor se assume como *eu* ao longo de todo o texto, adotando uma individualidade se comparada aos textos analisados anteriormente. As próprias pessoas gramaticais dos verbos, em sua maioria, referem-se ao locutor: *fui, senti, refiro, assumo, acredito, adoro* e outros.

Entretanto, Ed 3 também se difere dos demais textos a partir da relação que o enunciado atribui entre o *eu – tu*. Neste texto, o alocutário (*tu*), que também é representado “pelo(s) leitor(es)”, tem um grau de presença maior. O locutor tenta constituir “uma espécie de interação” com o alocutário, uma aproximação e adulação para com o mesmo.

- (d) *Eu sei (porque as pesquisas me contaram) que você usa a internet para se informar e tem intimidade com novas tecnologias – poucas revistas no Brasil têm leitores tão conectados quanto os nossos.* (linhas 30-34)
- (e) *E, mesmo assim, você continua lendo a SUPER.* (linhas 34-35)
- (f) *O que me faz concluir: quanto mais você se informa, mais você quer ler SUPER.* (linhas 35-37)
- (g) *Não sei você, mas, quando vou ao estádio, adoro saber que o cara vestindo a camisa 10 estava sentado ao meu lado na arquibancada até outro dia* (linhas 56-59)

Assim, ainda há uma ocorrência que pode ser analisada como uma tentativa de aproximação do locutor com o alocutário:

- (h) *E nunca na história desse mundo nós entramos em contato com tantos assuntos que precisam ser explicados.* (linhas 38-41) (grifo meu)

No enunciado (h), o locutor (*eu*) engloba “todas as pessoas” como o *não-eu* do pronome pessoal do plural, *nós*. Outro modo de intimidade é a forma como o locutor termina o texto: *Um grande abraço*, não tendo aparecido nos demais textos.

Ainda é importante ressaltar que em Ed 3 o título do editorial da revista muda para [Agora escuta] *direto da redação*. O novo título apresenta uma categoria temporal no *agora*, um espaço especificado pela expressão *direto da redação*, e *escuta* como um referente ao ato de escutar, ou ainda pode ser pensado como o imperativo do mesmo verbo, impondo uma ordem. Essa mudança do título pode ser vista como uma mudança da própria edição da revista. Explicada pelo locutor no enunciado:

- (i) *Para comemorar os 20 anos da revista, pedimos que o time de arte nos desenhasse uma roupa nova.* (linhas 47-49)

Neste texto também existe pouca referência de 3ª pessoa. Uma delas é apresentada de forma *identificável* pelo alocutário porque é citado o nome próprio dessa referência:

- (j) *O estilista-chefe foi designer Fabrício Miranda – outro dos nossos, fã da SUPER desde criancinha.* (linhas 51-54)

Deste modo, a construção espacial de Ed 3 também pode ser pensada na revista enquanto composição espacial, como na expressão *este espaço* em (c), *aqui*, em (b), ambos recuperados dentro do contexto. Além de outros enunciados abaixo:

- (k) *Se for verdade o que andam falando por **aí** (e por **aí** eu me refiro à **pág. 35 desta edição**), assumo a revista em um momento delicado do jornalismo.* (linhas 19-22)
- (l) ***Nas próximas páginas**, vai por mim, ele ficará ainda melhor.* (linhas 50-51)
(grifos meu)

Ainda se observa em (d) uma referência espacial objetiva *no Brasil*, demarcando a territorialidade de circulação do próprio meio de comunicação. E no enunciado (h), há a referência *desse mundo*. Mas apesar dessas outras formas de referências, a revista é a demarcação espacial que mais prevalece no texto.

Quanto às categorias temporais, assim como nos outros dois textos, esse se inicia no passado para depois estabelecer o presente. Em Ed 3, a referência temporal também remete aos 20 anos de aniversário, porém essas passagens são para ressaltar o locutor dentro dessa passagem de tempo, e ainda inserido no espaço da revista, conforme o exemplo no enunciado (b), *lia a SUPER desde a edição número 1*, e em:

- (m) *E que tudo isso começaria exatamente na edição de aniversário de 20 anos.*
(linhas 17-18)

Dentre todos os textos, esse último apresenta o maior número de categorias dêiticas, e todas para ressaltar a subjetividade do locutor. O locutor desse texto apresenta um movimento de aproximação com a revista, remetendo a nova posição de destaque desse locutor perante o veículo.

Considerações Finais

Diante dos fatos apresentados, percebe-se que um estudo das categorias de pessoa, espaço e tempo nos permite contribuir com a dimensão discursiva da leitura dos textos.

Em Ed 1, o locutor se posiciona na coletividade, não apresentando nenhuma forma individual na categoria de pessoa. O espaço pode ser pensado na construção da revista, prevalecendo o tempo presente.

Já em Ed 2, o locutor se disfarça na propagação da história de um membro da equipe da revista. Ele apaga os traços de subjetividade dos verbos, por exemplo, e se dedica a relembrar os fatos marcantes na vida desse colega de trabalho, ao longo dos 10 anos do veículo até o presente da enunciação. Além disso, a revista continua sendo construída como uma referência de “espacialidade” e prevalece o sentido de coletividade, de uma equipe em sua construção.

Enquanto em Ed 3, o locutor desfaz esse laço de coletividade e remete poucas atribuições ao grupo, ele constrói sua imagem em inúmeras referências dêiticas pessoais, expressas pelo uso direto do dêitico *eu* e também nas flexões pessoais dos verbos. Em Ed 3, diferentemente dos outros textos, o locutor atribui mais grau de presença ao alocutário, *leitor*, numa tentativa de “interação”. Nas categorias espaciais, novamente, pode-se destacar a revista. E a temporalidade, remete aos 20 anos do meio de comunicação, mas para destacar a história do próprio locutor nesse período de tempo.

Deste modo, percebe-se nos editoriais analisados que as marcas de subjetividade presente nos primeiros textos caracterizam o locutor num sentido de coletividade para expressar a importância de uma equipe para construir a revista. Já o último texto destoa para a individualidade, mas sempre remetendo a opinião do próprio locutor ao prestígio do veículo. Assim, a análise das categorias enunciativas, presentes nos textos analisados, permitiu-nos uma interpretação mais acurada dos editoriais, já que a investigação das marcas de subjetividade nos possibilitou demonstrar como o locutor se mostra (designa-se) neste sistema de linguagem. Com isso, observa-se que o sujeito está na língua e é compreendido em função do próprio ato enunciativo.

Referências

- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade da linguagem. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Pontes, 1988. p. 284-293.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Lingüística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989. p. 81-91.
- CERVONI, Jean. A dêixis. In: *A enunciação*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 23-52.
- COURA-SOBRINHO, Jerônimo. A dimensão discursiva da dêixis. In: MELLO, R. *Análise do discurso & Literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005, p.333-351.
- FIORIN, José Luiz. Dos princípios teóricos. In: *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 27-58.
- FLORES, Valdir do Nascimento; SILVA, Silvana; LICHTENBERG, Sônia; WEIGERT, Thaís. Uma lingüística da enunciação. In: *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 49-76.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 14 ed. 279 p. São Paulo: Cultrix, 1988.
- SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril, n. 001, out. 1987, p. 5.
- SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril, n. 120, set. 1997, p. 4.
- SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Abril, n. 243, set. 2007, p. 20.

ANEXOS

Ed. 1 – Carta ao leitor, out. 1987, p. 5.



Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Devidores: Roberto Civita, Angelo Rossi, Edgar da Silva Faria, Ze Zermari, José Augusto P. Moreira, Plácido Longgip, Ricardo Fischer, Roger Kaman, Thomas Scotts Corrêa

**SUPER
INTERESSANTE**

REDAÇÃO

Diretor: Almyr Gajdoni

Redator-Chefe: Luiz Wirtz

Editores e Repórteres: Cláudia Sozzo Piresnacki, Maria Inês

Zanchetta, Márcia Jan Justen França, Lúcia Helena de Oliveira

Editor de Arte: Antônio Gonçalves Filho

Chefe de Arte: Mozart Latorre

Diagramadores: Marcelo de Rocha Coimbra, Paulo Norberto

da Silva

Coordenador Gráfico: Miguel Gama Francisco

Serviços Editoriais

Abril Press - Gerente: Judith Bacon. Escritórios - Milão: Rita

de Luca; Nova York: Celso Luciani; Paris: Pedro de Souza

Departamento de Documentação - Gerente: Auzá Rojas

Barnet

Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

PUBLICIDADE

Gerente: José Luiz Decourt Ricci

Comercialização publicitária a cargo da equipe da WEM

Diretor: Antônio Salgueiro de Souza

Gerente: Raulo Luiz Casanari. Representantes: Antonio Carlos

de Carnaúba, Celso Marinho, João Paulo P. de Oliveira, Mi-

quel Angelo Castello

Projeto Especial: Giovanna Esposito

São Paulo - Gerente: Raulo Luiz Casanari. Supervisor: Cláudio Barreto

Representantes: Marco Antonio Sanseverino, Paulo Maurício

de Souza, Ronaldo Világil Lima

Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves. Brasília: Gilberto

Amorim de Sá, Caribbeu, Angelo A. Costa. Florianópolis: Ge-

raldo Nilson de Azevedo. Fortaleza: Ana Maria de Oliveira

Porto Alegre: Eleno Engst. Recife: Edmundo R. Oliveira

Salvador: Elizabeth Silvêris

Gerente de Produção e Publicidade: João Carlos de Oliveira

Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cesar Jr.

Diretor de Escritório Rio: Sebastião Martins

Diretor de Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Torres

Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares

Diretor de Criação e Projetos Especiais: Gerson Gury

CIRCULAÇÃO

Supervisora: Mariana Cavali Castro

ASSINATURAS

Diretor: José Antonio Soler

Diretor de Vendas: Uli Hollander

Diretor de Marketing: Aar M. Moraes

Diretor de Coleção: João Ventura Forno Neto

Diretor Respostas: Oivaldo Franco Domingues Jr.

Diretor de Divisão: Ricardo Alberto Fischer

Diretor de Publicidade: Orlando dos Santos Marques

Diretor de Circulação: Fernando Costa

Diretor Administrativo: Marcus Vinícius Ramos Veia

Diretora de Propaganda: Elizabeth Klock Gajdoni

São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência: r. Rócio,

1821, São Paulo, CEP 04581, tel.: 011-505-8703. Telex: 0111 23227

23222 e 24134. Caixa Postal 1325. Telegrams: Editora/Mar/Infor. Ad-

ministração: J. Jaqueiro, 213. CEP 02515, tel.: 011-858-4513. Ex-

terior: São Horácio: r. Marilene Diniz, 226, 6^o e 7^o andares, Bar-

ra, São Paulo, CEP 05700, tel.: 011-275-2388. Telex: 0211 1185. São

Ricardo: 525 - Quadra 1, Bloco 1, s. 20, Edifício Central, 19^o, 12^o e 13^o

andares. CEP 70364, tel.: 061-224-9150. Telex: 0011 1484. Telegramas:

Abilmeas. Curitiba: r. Fernandes de Barros, 431, 2^o andar, sala 6 e B,

CEP 80000, tel.: 041-202-8873. Telex: 0411 0278. Florianópolis: r.

Osma Cunha, 15, Sala A, 2^o andar, sala 214, CEP 81600, tel.: 0482

221820. Telex: 0481 004. Fortaleza: av. Senoel Damasc, 3386, sala

414, 405 e 422, CEP 60000, tel.: 085-244-0410. Telex: 0381 1017

Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 734, 3^o andar, sala 301 a 306, CEP

91000, tel.: 051-23-2888. Telex: 0511 1981. Telegramas: Abilmeas.

Recife: av. Daniel Baretto, 1186, 9^o andar, sala 903 a 904, CEP 50000,

tel.: 081-224-0077. Telex: 0811 1184. Rio de Janeiro: r. da Passa-

reco, 123, 6^o e 11^o andares, CEP 22290, tel.: 021-549-8262. Telex:

0213 22674. Telegramas: Estabim/Infor/Infor. Salvador: r. Ibsena,

304, CEP 40000, tel.: 071-247-0899. Telex: 0711 1180. Distribuição

em Portugal: Distribuição Jardim de Publicidade sds. Quilte Pte. Te-

lex, Avenida dos Felizes, 2048, Camarate, Lisboa. México: International

Business Centre, Camp Europa, 12, Phone: 02-54-90311 e

54-0621-20122. Miami: Telex 310385 e 332809. Nova York: United

Building, 60 East 47th Street, Suite 3423, New York, N.Y. 10165, Telex

231870. Phone: 0212-557-5000/5003. Paris: 35, Rue de Valenciennes,

s. 4^o, 75008 Paris, facsimile: 42-66-13-30. Phone: 42-66-31-31. Telex

ABRIL-ABR0771

SUPERINTERESSANTE é uma publicação de Editora Abril S.A. 1987

© - J. Escriba S.A. "Nova Interessante" Espanha. Ao ler sua edi-

ção está a credenciar o vendedor e pagar somente com cheque

nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes

depois publicação que a interrupção definitiva de entrega das edi-

ções constituirá, sem que dela seja dada medida pelo governo

espanhol, implicar a restituição da parte do preço total antecipa-

mente pago, correspondente aos exemplares que não foram en-

viados. Todas as despesas de envio. Distribuído em ex-

clusividade ao país pelo ONUP - Distribuição Nacional de

Publicações, São Paulo. **SUPERINTERESSANTE** não

admite publicidade eleitoral.

IMP. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

CARTA AO LEITOR

Numa tarde qualquer de junho de 1860, consternada ao ouvir dizer que pelas novas teorias postas a circular por Charles Darwin o homem era um simples descendente do macaco, a mulher do bispo anglicano de Worcester, Inglaterra, exclamou: "Barbaridade! Esperemos que não seja verdade mas, se for, rezemos para que isso não se torne amplamente conhecido". Nós, da Editora Abril, não partilhamos dessa opinião. Por acreditarmos tanto no valor da descoberta e da acumulação do conhecimento científico e tecnológico quanto na importância de sua divulgação ao maior número de pessoas, estamos apresentando ao público brasileiro uma nova revista mensal.

É um novo desafio editorial que enfrentamos certos de que, com ele, damos mais uma contribuição à divulgação do conhecimento e também uma resposta otimista aos pessimistas que falam em crise e recessão. Não por acaso ela se chama SUPERINTERESSANTE, pois oferecerá aos leitores uma visão ampla do que se fez, do que se faz e — por que não? — do que se fará em termos de pesquisa e realização científica e tecnológica. Sua pauta de assuntos não terá limites, cobrindo, por exemplo, da Física à Pré-História, da Astronomia à Ecologia, da Informática à Psicologia ou à Religião.

De forma clara, direta, acessível ao mais leigo dos leitores, SUPERINTERESSANTE mostrará o conhecimento científico não como um tesouro a que só alguns privilegiados têm acesso, por sua cultura, mas como algo que passa pelo cotidiano de todos nós, influenciando e modificando até mesmo os momentos mais simples de nossa vida. E sem descuidar da precisão, o que significa dizer que em suas páginas não haverá lugar para as meias-verdades, o saber por ouvir dizer, a hipótese sem evidência que a legitime. São elas que fazem florescer aquelas opiniões preconceituosas de que não partilhamos. Estamos certos de que se fosse nossa contemporânea e leitora de SUPERINTERESSANTE, aquela assustada matrona da Inglaterra vitoriana, mulher do bispo de Worcester, saberia que nós *não* descendemos do macaco, embora tenhamos com ele um ancestral comum. E poderia, quem sabe, dormir mais tranqüila.

Victor Civita

SUPER 5



CARTA AO LEITOR

Todos os motivos para festejar

Em meados de 1987, a então repórter **Lúcia Helena de Oliveira**, de 22 anos, tinha uma dúvida profissional. Ela fazia parte de uma nova revista da Editora Abril, a **SUPERINTERESSANTE**. O clima era de muito otimismo — o número zero da **SUPER**, que tinha circulado em setembro, como encarte nas maiores revistas da editora, havia sido um sucesso. Mas aquela jovem repórter não estava tão animada. “Eu achava que ciência não era a minha praia e que os assuntos seriam sempre aborrecidos”, lembra ela. Muita gente, naquela época, pensava a mesma coisa.



Passados dez anos, a editora especial **Lúcia Helena de Oliveira** amadureceu bastante. Cobriu sete congressos internacionais de Medicina, ganhou cinco prêmios de jornalismo, e já não tem dúvidas profissionais: “Minha praia é aqui mesmo.” Hoje, ela é uma das jornalistas mais respeitadas do país nas áreas em que se especializou: Medicina e saúde. O presente de Lúcia para o aniversário da **SUPER** é a reportagem **No fundo do coração** (veja na página 82), que une ineditismo e clareza. Lendo-a, você vai conhecer, com detalhes exclusivos, a técnica brasileira que está revolucionando as cirurgias cardíacas.

Coração: não poderia haver assunto mais perfeito para a capa desta edição comemorativa, cheia de emoções extraordinárias: são muitas páginas a mais, sem contar o pôster com a história de quatro séculos de ciência. Tudo isso nos festejos de 10 anos da **SUPER**. Representados aqui nos dez anos de carreira da Lúcia Helena. Ela, aliás, tem um motivo ainda melhor para estar feliz. Neste mês de setembro, vai ser mãe pela primeira vez.



© 3

AMBIENTE **Terra de contrastes**

O espetáculo das forças naturais em paisagens impressionantes.

52



© 4

NATUREZA **Cores mortíferas**

A ciência está descobrindo em sapos venenosos os tons e as formas mais elegantes da natureza.

96



© 5

GEOPOLÍTICA **Micronações Unidas**

No mundo inteiro, os micropaises estão se unindo para defender seus direitos.

100



© 6

INSETO **Caçadores de cupins**

A praga causa um prejuízo de 10 bilhões de dólares por ano. É preciso erradicar.

61



© 7

AMBIENTE **A operação tapa-buraco**

A emissão de substâncias que destroem a camada de ozônio está diminuindo.

44

[AGORA ESCUTA] DIRETO DA REDAÇÃO



Foto: Patrícia Stanis - Produção Cleide Silva

Vida longa à Super!

Quando fui convidado pelo então Diretor de Redação, Adriano Silva, para trabalhar na SUPER, senti como se tivesse recebido um convite para jogar futebol no time que eu torço (que eu não posso revelar sob risco de os palmeirenses pararem de comprar a revista). Eu lia a SUPER desde a edição número 1 e me permiti imaginar que trabalhar aqui era a realização de um sonho de criança – na verdade, quando pequeno eu sonhava em ser jogador de futebol, a paixão pelo jornalismo é coisa mais recente. De tão feliz com o convite, eu nem sonhava que as coisas ainda podiam melhorar. Que um dia eu estaria escolhendo as capas da revista, que eu assinaria este espaço. E que tudo isso começaria exatamente na edição de aniversário de 20 anos. Uau!

E que medo. Se for verdade o que andam falando por aí (e por aí eu me refiro à pág. 35 desta edição), assumo a revista em um momento delicado do jornalismo. O mo-

mento em que a internet e sua enorme oferta de informações coloca em xeque a sobrevivência da indústria de... informações. Pode até ser verdade. Mas eis o motivo pelo qual eu acredito que esse assunto não diz respeito à SUPER: esta é uma revista inteligente feita para leitores inteligentes. Eu sei (porque as pesquisas me contaram) que você usa a internet para se informar e tem intimidade com novas tecnologias – poucas revistas no Brasil têm leitores tão conectados quanto os nossos. E, mesmo assim, você continua lendo a SUPER. O que me faz concluir: quanto mais você se informa, mais você quer ler a SUPER. Porque nossa missão é explicar o mundo. E nunca antes na história desse mundo nós entramos em contato com tantos assuntos que precisam ser explicados.

Meu otimismo tem outros motivos. Primeiro deles: estou cercado por uma equipe talentosíssima, tão apaixonada pela SUPER

quanto eu. E isso dá para perceber em cada matéria que publicamos. Veja o caso do design. Para comemorar os 20 anos da revista, pedimos que o time de arte nos desenhasse uma roupa nova. O resultado você já começou a ver. Nas próximas páginas, vai por mim, ele ficará ainda melhor. O estilista-chefe foi o designer Fabrício Miranda – outro dos nossos, fã da SUPER desde criança. Meu otimismo vem também do que eu contei antes. De eu estar jogando para o time que torço. Não sei você, mas, quando vou ao estádio, adoro saber que o cara vestindo a camisa 10 estava sentado ao meu lado na arquibancada até outro dia – e que ele é capaz de entender o quanto aquilo tudo é importante para mim. 

Um grande abraço.

Sérgio Gwercman
Redator-Chefe
sgwercman@abril.com.br